

AS VIAS DO CARIRI E AS VELAS DA CHAPADA DO ARARIPE

CULTURA E NATUREZA COMO IMAGINAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE UM POVO DE UM LUGAR¹

Fabiano dos Santos Piúba²

O Cariri me veio primeiro com as narrativas de meu pai. Ele escuta e canta Luiz Gonzaga – esse cariense pernambucano – a vida inteira e os romances de cordel sempre povoaram seu imaginário. É natural de Pombal, homem do Alto Sertão paraibano. Coisa com menos de 50 léguas, pertinho daqui. Na sua juventude viajava entre Crato e Pombal, vinha com queijo e voltava com rapadura. E crescemos ouvindo muitas histórias sobre suas aventuras no Cariri. Então, toponímias como Missão Velha, Barro, Mauriti, Milagres, Brejo Santo, Lavras da Mangabeira, Barro e, principalmente Barbalha, Crato e Juazeiro pelo lado do Ceará e Sousa, Patos, Cajazeiras e Pombal pelo lado da Paraíba, além de Exu pelo lado de Pernambuco sempre foram presentes na minha geografia imaginária. O Cariri para mim era uma imaginação que se delineava pelos percursos narrativos das viagens de meu pai. Eu ficava imaginando a estação do Crato que

¹ Fala apresentada na mesa de abertura “As mudanças culturais no Cariri: um cenário de transformações e novas perspectivas” do Seminário Arte e Pensamento 2016 da 18ª Mostra Sesc Cariri de Cultura.

² Atual secretário da Cultura do Estado do Ceará (2017). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em História pela PUC/SP e historiador graduado pela UFC. Diretor de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Ministério da Cultura (MinC) entre 2009 e 2011 e no ano de 2014. No Ministério da Cultura também assumiu a função de Secretário Substituto da Secretaria de Articulação Institucional entre 2008 a 2010 e de Coordenador de Articulação Federativa do Programa Mais Cultura no ano de 2008. No Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe (CERLALC/UNESCO), organismo internacional ibero-americano e intergovernamental, assumiu no período de 2012 a 2013 a Direção de Leitura, Escrita e Bibliotecas. Foi Coordenador de Políticas de Livros e Acervos da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará entre 2005 e 2006, ocasião em que concebeu o projeto Agentes de Leitura e coordenou a Bienal Internacional do Livro do Ceará.



ele tanto falava, a feira de Juazeiro, os romeiros de Padim Ciço até isso virar um tanto de realidade quando viemos em família pagar uma promessa de minha avó Maria Rita da Anunciação Medeiros Dantas em Juazeiro e outra em Canindé, tudo na mesma viagem. Meu pai, minha mãe, seus cinco rebentos e minha avó dentro de uma Veraneio, se não me falha a memória. Tinha eu e meu irmão gêmeo, uns 10 anos de idade. Aquela viagem está em mim por muitos sentidos, em primeiro lugar porque me perdi no meio da procissão de Nossa Senhora das Candeias naquele mar de luz,

até ser encontrado porque me levaram para o homem do alto-falante que chamou por Chico Piúba, nome de meu pai. Quando me lembro dessa história fico pensando que poderia ter ficado para sempre no Cariri. Em segundo lugar porque subimos o Horto a pé (essa era a promessa de Vovó), percorremos a trilha do Santo Sepulcro, batemos retratos em cavalinhos de ovelhas e ouvimos de velhas senhoras toda a mítica de Juazeiro que minha avó recontava na viagem de volta para o sertão do Seridó potiguar, terra onde nasci em 1968 até vir morar em Fortaleza em 1984 com os



FOTO THIAGO LUZI

Arena XI Encontro Mestres do Mundo, Limoeiro do Norte

meus 16 anos. Sou um potiguar-cearense e um tanto paraibano. Portanto, um tanto Cariri, região que extrapola o Ceará pelo relevo que se espraia na Chapada do Araripe. Penso que é ela que nos reúne hoje aqui. O Cariri e sua Chapada.

O Cariri me veio depois de outras maneiras. Por meio de suas expressões artísticas e culturais, principalmente pela literatura, fotografia e pelas manifestações tradicionais de seus mestres e mestras das culturas. Sou, por exemplo, um leitor apaixonado e voraz de toda literatura de Patativa do Assaré, um ouvinte-dançarino da Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto, um apreciador das xilogravuras de Mestre Noza e de José Lourenço e um leitor das luzes que são lançadas no Cariri pelas narrativas fotográficas de Tiago Santana. Mas vim conhecer um pouco melhor o Cariri na experiência do projeto Secult Itinerante – cultura em movimento entre 2005 e 2006, quando trabalhei na gestão da então secretária de cultura Cláudia Leitão, período em que colhemos na região alguns contos tradicionais com Andrea Havt Bindá para compor nosso livro-vídeo “1001 histórias do Ceará”.

Segundo as enciclopédias, Cariri, Cairiri ou quiriri (do tupi kiri’ri) é a designação da principal família de línguas indígenas do sertão do Nordeste do Brasil enquanto que Araripe deriva do tupi antigo ararype, que significa “no rio das araras”. Estamos falando, portanto, de ancestralidades, de tempos etnológicos e arqueológicos que se fundam na cultura do Cariri e nos vestígios da Chapada do Araripe. E assim, falamos também de um território, de um lugar, de um sertão no Nordeste do Brasil.

Quando o ministro Gilberto Gil esteve por aqui nos anos de 2005 e 2006, ele ficou encantado com a beleza da Chapada e com a diversidade cultural própria do Cariri. Ele veio a convite da então Secretária da Cultura Cláudia Leitão, no âmbito do projeto “Secult Itinerante – cultura em movimento” que desenvolvia ações institucionais e de difusão nos municípios cearenses. Na ocasião, Gilberto Gil cunhou a expressão “bacia cultural” para traduzir a fertilidade do Cariri e da Chapada do Araripe. Em seu texto para o livro “Plano de ação da Bacia Cultural do Araripe para o

desenvolvimento regional” de autoria de Frederico Lustosa da FGV, que compõe a Coleção Nossa Cultura da Secult-CE publicado em 2006, o então ministro Gilberto Gil escreveu o seguinte:

A Bacia Cultural do Araripe funda-se sobre a concepção de território e da teia da vida que ali se manifesta. A metáfora do rio e sua rede de afluentes orienta e dá forma ao fluxo cultural da região, nutrido por fontes culturais diversas que se fundem e se desdobram numa rede relacional. A bacia cultural traz, no mesmo fluxo, diversas nascentes, rios e correntes, únicos em sua diversidade. Dessa confluência, criam-se novos canais, novas vias e veias culturais. O mesmo rio que irriga o solo sertanejo irriga a imaginação do povo do sertão. A bacia semântica da qual nos fala Gilbert Durand funda-se sobre a mesma base simbólica dos vales e nascentes do nosso imaginário criativo. No curso do rio se entrelaçam a teia da vida e da cultura (LUSTOSA DA COSTA, 2006, p. 38).

No desenvolvimento da metáfora da bacia cultural, repleta de vias e veias, rios e afluentes, fontes e fluxos, redes e teias, Gilberto Gil nos faz recordar com ênfase poética que a Chapada do Araripe é uma floresta. Na verdade, duas florestas: uma petrificada e outra viva com uma biodiversidade que revela um patrimônio natural precioso. Sendo assim, a dimensão cultural do Cariri está intrinsecamente imbricada com essa dimensão natural.

Falar de Cariri-Araripe é, pois, falar de patrimônio cultural e de patrimônio natural. É manifestar e valorizar a sua bio-etno-diversidade. Naquilo em que ele apresenta em termos de memória, identidade, natureza, mas também de resignificação, reinvenção, inovação e tecnologias, pois o Cariri, mesmo naquelas experiências que partem e se afirmam com um discurso de uma arqueologia indígena estão reinventando e reescrevendo o território cultural o tempo todo. O Cariri sempre foi um território de inovações tecnológicas e sociais. Um território de economia criativa da cultura. Padre Cícero foi um desses que reinventou um velho-



FOTO THIAGO NOZI

Reizado dos Irmãos, Juazeiro do Norte

-novo Cariri, potencializando saberes e ofícios dos que aqui moravam e dos que aqui foram chegando como vetores para o desenvolvimento local. Os Mestres e Mestras das Culturas são sujeitos dessas reinvenções do Cariri, desse sertão imaginativo e dessa teia da vida que aqui se manifesta com seus saberes e fazeres. Patativa do Assaré foi um que releu, reescreveu e traduziu o Cariri com uma significação poética do mais alto nível literário. Dona Ciça modelou com mãos e barro um universo fantástico. Mestre Nino talhou um Cariri fabuloso. Pessoas como Rosemberg Kariri, Abdoral Jamacaru, José Lourenço, João do Crato, Dane de Jade, Alemberg Quindins traduzem um Cariri que, na verdade ou na fantasia, são Cariris inovadores e inventivos, atualizados e contemporâneos, mas que estão incorporados à velha argila dessa terra mágica

aguada pelas águas que jorram da Chapada do Araripe. Isso nos remete a um conto de Eduardo Galeano que me parece muito apropriado para este momento:

Janela sobre a memória (I)

À beira-mar de outro mar, outro oleiro se aposenta, em seus anos finais.

Seus olhos se cobrem de névoa, suas mãos tremem: chegou a hora do adeus. Então acontece a cerimônia de iniciação: o oleiro velho oferece ao oleiro jovem sua melhor peça. Assim manda a tradição, entre os índios do noroeste da América: o artista que se despede entrega sua obra-prima ao artista que se apresenta.

E o oleiro jovem não guarda esta peça perfeita para completá-la e admirá-la: a espatifa contra o

solo, a quebra em mil pedaços, recolhe os pedacinhos e os incorpora à sua própria argila (GALEANO, 1994)

Era aqui que estava querendo chegar. Na potência desse conto como uma leitura de inspiração e provocação possíveis para pensarmos sobre o tema desta mesa: As mudanças culturais no Cariri: um cenário de transformações e novas perspectivas.

Patrimônio cultural, antes de seu sentido de memória, é criação. Patrimônio cultural é criação. Portanto, junto com uma política de preservação e de proteção, alia-se uma política de criação do patrimônio cultural. Cultura é invenção para dar sentidos, significados e sentimentos à vida em sociedade. Os saberes e fazeres culturais são expressões e dinâmicas de ser e de estar no mundo, de perceber e se relacionar com o mundo. Assim, a tradição e a memória não são elementos estanques no tempo. A identidade não é uma coisa dada e pronta, ela é um processo contínuo de construção diversa de recriação tal como o jovem oleiro que incorpora em sua própria argila, pedaços do barro de seu mestre, criando uma obra de seu tempo, mas que carrega nela uma tradição reinventada e contemporânea.

O Cariri é assim, tradição e contemporaneidade num amálgama de culturas que geram tempos eternos. Tempos eternos. Capturo esta expressão da historiadora e educadora cearense Luiza de Teodoro, que fala dos mestres de cultura como “pessoas que mantêm vivos os tempos eternos do sempre contemporâneo passado de um povo”. Talvez, esse conto do Eduardo Galeano pode ser uma metáfora possível para pensarmos sobre as novas perspectivas das culturas no Cariri, pois as vejo muito como um amálgama de tradição e contemporaneidade, de passado e futuro, de permanências e inovações.

É quase impossível pensar o Cariri sem a sua força ancestral, arquetípica, etnográfica e arqueológica de sua diversidade cultural gerada no passado. A memória, citando outra vez Eduardo Galeano, é um porto de partida, pois temos um esplêndido passado pela frente. Pensar e desenvolver políticas culturais impli-

ca em perceber que o porto de partida no Cariri é sua memória e seu rico e diverso patrimônio cultural. Existe um esplendoroso passado pela frente que é também um futuro possível de inovação e de conhecimento crítico e inventivo sobre e do Cariri. Isso não significa, no entanto, que deve se agarrar e se aprisionar em sua tradição de maneira estática, muito pelo contrário, trata-se de regar, mas também de ter a coragem de espatifar contra o solo as tradições e saber criar as obras artísticas do tempo de agora e para o futuro. Nesse sentido, a construção do centro cultural que a Secretaria da Cultura do Governo do Estado do Ceará vai realizar como um processo social e coletivo com os atores sociais da região deve partir do princípio de que esse novo equipamento tem que traduzir essa diversidade não só cultural e natural, mas também temporal, dos tempos de antes, de agora e dos que hão de vir.

Nesses termos, pensarmos políticas públicas de cultura para a região implica em abarcarmos algumas percepções simbólicas e, ao mesmo tempo apreensões práticas, numa perspectiva relacional de cultura com o desenvolvimento econômico, social, humano e sustentável. Imaginemos cinco percepções ou eixos:

1. Cariri de Memória e de Patrimônios Cultural e Natural (comunicação e educação patrimonial);
2. Cariri Criativo, Místico e Imaginário (economia da cultura e roteiros turísticos);
3. Cariri do Conhecimento e da Inovação (região universitária de produção de conteúdos e de tecnologias socioculturais);
4. Cariri de Fluxos, Teias e Redes Regional (liderança, articulação e integração entre programas, projetos e iniciativas do setor público e da sociedade civil na região);
5. Cariri de Espaços e Centros Culturais (rede de equipamentos, espaços públicos, privados e do terceiro setor).

Claro que não vai ser possível desenvolver essas percepções agora nesta mesa. Mas creio que podemos criar uma agenda interinstitucional de trabalho, envolvendo ações do poder público em comparti-



FOTO THIAGO NOZI

Encontro Mestres do Mundo, Limoeiro do Norte

lhamento com os setores privados, comunitários e com o terceiro setor, conhecendo e tomando como referências os estudos, práticas e pensamentos acumulados realizados por pesquisadores acadêmicos e populares, por instituições públicas e da sociedade civil. Nesses termos, imagino que as universidades Universidade Regional do Cariri (URCA) e Universidade Federal do Cariri (UFCA) podem liderar esse processo de maneira conjunta com a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará em articulação com as secretarias municipais da região e de forma com o SESC, SEBRAE e o Instituto Dragão do Mar, bem como com as organizações da sociedade civil e com os grupos e coletivos artísticos da região para estabelecer um pacto em torno de uma agenda programática comum. Podemos sair daqui até amanhã, com uma espécie de Carta do Cariri assinada pelas instituições e pessoas presentes, onde essas quatro percepções – ainda preliminares – possam ser ampliadas e qualificadas em uma construção social e coletiva, lançando uma nova percepção para o desenvolvimento e envolvimento – como ressaltou Eduardo Saron em sua fala – da região a partir da cultura e do conhecimento como mobilizadoras das cidades e encantadoras de pessoas.

No mais, a cultura, como disse Gilberto Gil é no mínimo dois, é no mínimo par. Por isso gosto de pensá-la como um direito humano e como solidariedade. Como um saber/fazer comum que se compartilha entre todos. Sinto o Cariri como esse território cultural comunitário e solidário que se constrói por entre as vias e veias, rios e afluentes, fontes e fluxos, redes e canais que jorram da Chapada do Araripe para nutrir a bacia cultural do Cariri, entrelaçando a teia da vida e da cultura desse território cearense do Nordeste do Brasil de um povo, de um lugar.

REFERÊNCIAS

LUSTOSA DA COSTA, Frederico. (Coord.). **Plano de Ação da Bacia Cultural do Araripe para o Desenvolvimento Regional**. Fortaleza: Secult, 2006.

GALEANO, Eduardo. **As Palavras Andantes**. Porto Alegre: L&PM, 1994.